

CAPÍTULO 11

A periferia do futebol: uma noção em debate

Fábio Machado Pinto

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

INTRODUÇÃO

Este estudo integra o eixo de pesquisa Futebol Comunitário e Várzea, do INCT Futebol, coordenado pelos colegas Luiz Carlos Rigo (UFPel) e Mauro Myskiw (UFRGS). Este “espaço-rede” reúne pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, interessados em problematizar práticas futebolísticas não profissionais. No Brasil, futebol de várzea e futebol comunitário são termos para práticas futebolísticas que fazem parte do cotidiano local ou regional, particularmente, aquelas vivenciadas como atividades de lazer. Várzea significa “planície”: são áreas subdesenvolvidas e propensas a inundações, como as existentes na periferia da cidade de São Paulo, onde surgiram os primeiros campos de futebol utilizados pelas classes populares no Brasil. Outros termos incluem futebol amador, de base, comunitário ou periférico. Arlei Damo destacou, assim, as diferentes matrizes do futebol: espetáculo, bricolado, comunidade (Damo 2007), e propôs então falar de futebolóis (Damo 2018) diante da pluralidade e da poli-

fonia desse fenômeno, que são, elas próprias, parte da diversidade tão típica do Brasil, sem, contudo, renunciar a abarcar a natureza múltipla do que é a prática do futebol hoje. Em 2024, o trabalho de Ribeiro, Spaggiari e Almeida problematiza outras denominações para o futebol, como “suburbano”, “não oficial”, “periférico”, “de bairro”, “colonial” ou “rural”, “comunitário”, “de praia”, “de parques”, “de escola”, “de veteranos”, “feminino”, “operário”, entre outros, cada um vinculado a um contexto específico, em um circuito específico, pouco ou nada conectado com as federações e os clubes considerados profissionais. Este capítulo propõe-se, assim, a problematizar esse debate em torno da denominação do futebol periférico diante de sua complexidade, como demonstram pesquisas realizadas no Brasil. Para tanto, também farei outras duas perguntas: como se constituiu a periferia do futebol, esse fenômeno singular-universal, e quais relações se estabeleceram com seu centro, o espetáculo e o futebol de alto nível?

Em 2012, alguns anos após retornar da França, onde havia concluído meu doutorado na Universidade de Paris 8 e participado da Copa da França pela equipe amadora de A.S.Pierrefitte, juntei-me aos veteranos da Santa Cruz do Ribeirão da Ilha, e lançamos um projeto chamado InterPeriferias do Futebol, reunindo as periferias de Florianópolis e de Paris. Este projeto buscava promover a formação esportiva e cultural de jogadores veteranos, mas também realizar uma pesquisa etnográfica sobre as periferias do futebol. Nesse contexto, pude observar as relações existentes entre o futebol profissional e o amador. Em 2018, minha colega Invernizzi defendeu sua

tese intitulada “Ser daqui ou de fora” (Ser ‘daqui’ ou ‘de fora’): hierarquias, descontinuidades e trânsito no futebol amador em Florianópolis. Ela analisou o futebol amador, pouco visível, quase subterrâneo, seus significados e seus possíveis deslocamentos em relação ao futebol profissional, às relações de poder e ao pertencimento comunitário. As categorias de performance e sociabilidade, que emergiram dos relatos, observações de campo e documentos analisados, revelaram o futebol amador como um lugar de encontro de diferentes projetos e temporalidades, uma forma de permanência em campo e de compartilhamento de recursos materiais e simbólicos, a exemplo do modelo profissional, ele próprio diversificado conforme a forma como cada clube se organiza. Ambos guardam certa interdependência. O futebol como fenômeno singular/universal revela toda uma complexidade, intimamente ligada às histórias de constituição sociocultural e econômica de cada território. Em Florianópolis, o futebol amador contrasta, por exemplo, com o praticado em Pelotas/RS ou Porto Alegre/RS, como demonstram os estudos de Rigo (2004) e Myskiw (2012); em São Paulo/SP, pelos estudos de Bonfim (2019) e Spaggiari (2016); ou em Belo Horizonte (Ribeiro 2021).

2. AS PESQUISAS SOBRE A PERIFERIA DO FUTEBOL NO BRASIL

As pesquisas no Brasil demonstram a complexidade e a pluralidade da periferia do futebol, que contrasta com seu centro, marcado pela padronização, espetacularização e “arenização”, e atravessado por complexas relações de poder em seu núcleo, composto pela Con-

federação Brasileira de Futebol (CBF) e suas 27 federações. Uma busca realizada por Rocha, Rial, Rigo e Myskiw (2023) no portal do CNPq utilizou o termo “futebol” para identificar os grupos brasileiros de pesquisa dedicados a esse tema. Os autores encontraram 14 deles dedicados ao estudo de várzea, comunidade e lazer. A partir desse estudo, realizaram uma busca bibliossociométrica que permitiu listar 459 autores dedicados ao estudo da periferia do futebol. Identificaram especialistas de diferentes áreas, como educação física, história, sociologia, literatura e comunicação, que dividiram em cinco áreas de estudo: história, memória e identidade; comunicação, cinema, fotografia, arte e linguagem; sociabilidade, pertencimento e emoção; corpo, etnia, gênero e sexualidade; política e gestão pública.¹

As principais equipes de pesquisa no Brasil são: o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (Ludens/USP), liderado por Marco Bettine; o Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana (LabNAU/USP) dirigido por José Magnani; o Grupo de Pesquisa Patrimônio, Espaço e Memória (LABUR/USP) liderado por Simone Scifoni; o Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FULIA/UFGM) dirigido por Elcio Loureiro Cornelissen; o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFGM) liderado por Silvio Ricardo da Silva; o Grupo de Pesquisa em História do Lazer (HISLA/UFGM) liderado por Cleber Augusto Gonçalves Dias; o Grupo de Estudo e Pesquisa em Ciências Aplicadas ao Fute-

1 A pesquisa de Rigo e Myskiw ainda está em andamento. Os resultados preliminares foram apresentados no primeiro encontro do INCT Futebol Florianópolis, em agosto de 2024.

bol (GEPCAF/UFJF-GV); o Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC, UFRJ) dirigido por Antônio Jorge Soares; o Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC) dirigido por Carmen de Moraes Rial; o Núcleo de Estudos e Pesquisa de Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/UFSC) liderado por Alexandre Fernandez Vaz; o Grupo de Pesquisa do Esporte: Laboratório de História do Esporte e Lazer (UFRJ) liderado por Victor Andrade de Melo; o Grupo Cotidiano, Resgate, Pesquisa e Orientação (Corpo/UFBA) liderado por Maria Cecília de Paula Silva; o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Cultura Corporal no Sertão (IFECT/PE) liderado por Bartolomeu Lins de Barros Júnior; o Grupo de Pesquisa sobre Futebol e Sociedade (UEPG/PR) liderado por Miguel Archanjo de Freitas; o Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (UFRGS/RS) liderado por Mauro Myskiw e Raquel da Silveira; o Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura, Gênero e Saúde (UFSM/RS) liderado por Zulmira Borges; e o Grupo de Pesquisa — Estudos Socioculturais em Educação Física, Esporte e Lazer (Furg/RS) liderado por Gustavo da Silva Freitas.

Os estudos sobre a periferia do futebol emergem de um amplo debate interdisciplinar que se estende para além das práticas esportivas. Na década de 1980, com a abertura democrática, o retorno de intelectuais exilados e o retorno de movimentos sociais, de sindicatos e de partidos de esquerda à cena política, as pesquisas se voltaram para questões sociais e culturais, políticas e econômicas relacionadas às condições de vida dos trabalhadores.

No estado do Rio de Janeiro, Simoni Guedes e José Sérgio Leite Lopes, ex-alunos do Museu Nacional, onde estudaram com Roberto

DaMatta e Gilberto Velho, entre outros, interessavam-se pela vida dos operários. O debate sobre o papel do futebol na dramatização da identidade nacional era predominante na época. Simoni Guedes escreveu *Futebol Brasileiro: Instituição Zero* (1977), no qual coloca o futebol em um nível mais importante para a sociedade brasileira do que os três poderes — Executivo, Legislativo e Judiciário. Seu tema é a formação da identidade nacional brasileira, baseada principalmente no estudo da vida dos operários e de suas atividades de lazer, das quais o futebol amador obviamente faz parte, no subúrbio carioca de Bangu. E é isso que ela trata em “Subúrbio: Celeiro de Craques”, um de seus artigos no livro *Universo do Futebol* (DaMatta 1982). O tema de Simoni Guedes é também o território, o espaço social, numa perspectiva geográfica, que ela associa, por sua vez, ao espaço metropolitano do Rio de Janeiro e, também, ao imaginário de sua formação histórica: a periferia. Utilizando uma metáfora que associa um celeiro, local de armazenamento de grãos, a espaços periféricos, distantes dos centros urbanos, sugere que esses abrigam as sementes de “craques”, ou seja, jogadores extraordinários. As entrevistas com trabalhadores exploram as expectativas e as frustrações de quem busca seguir a carreira de jogador profissional de futebol (Hollanda 2021). A obra de José Sérgio Leite Lopes é referência, como seu artigo que propõe a etnografia da “Morte da alegria do povo”, Garrincha, publicado em *Actes de la Recherche* (1989). Seu artigo na *Revista da USP*, intitulado “A Vitória do Futebol que incorporou a pelada” (Leite Lopes 1994), analisa a contribuição de Mario Filho na transição do futebol amador para o profissional no Brasil e demonstra a

importância deste jornalista também, graças aos seus estudos sobre o futebol brasileiro, notadamente *O Negro no Futebol Brasileiro* (Filho 1947), foram geradas inúmeras análises e debates, não só em sua época, mas que ainda hoje são realizadas, quase 80 anos após sua publicação. Podemos citar, sobre o mesmo tema, a obra *A Invenção do País do Futebol*, coordenada por Ronaldo Helal, Antônio Jorge Soares e Hugo Lovisolo (2001), uma segunda geração de pesquisadores influenciados pelo primeiro grupo. Esta nova geração de pesquisadores tratou de disseminar as pesquisas pelo país. No estado do Rio, surgiram junto com os citados acima nomes como Bernardo Buarque de Hollanda, entre outros.

Em São Paulo, Waldenyr Caldas (1990), pesquisador da USP, em seu livro *O Pontapé Inicial*, analisa e contextualiza essa transição, tomando também como referência os estudos de Mario Filho e Thomas Mazzoni (1950). Outro artigo, de José Witter (1982), intitulado “*A várzea não morreu*”, insere-se nos estudos pioneiros sobre cultura esportiva por meio da história oral. São estudos que abordam os aspectos históricos ou geopolíticos relacionados à prática do futebol. Inúmeros estudos sobre a periferia do futebol foram produzidos em São Paulo (Seabra 1987). Dos estudos de antropologia urbana liderados por José Guilherme Magnani aos estudos sociológicos pioneiros de Fátima Antunes (1992) sobre o *Futebol de Fábrica*, uma nova geração emergiu, incluindo Luiz Toledo (UFSCar), Enrico Spaggiari, Marco Betine e Diana Mendes na USP e Aira Bonfim no Museu do Futebol, revelando também a importância e a presença das mulheres na história do futebol.

O estado de Minas Gerais constitui o terceiro polo de estudos sobre a periferia do futebol. Seu núcleo é a equipe FULIA, liderada por Élcio Cornelsen, e a equipe da GEFUT/UFMG, liderada por Silvio Ricardo da Silva, que desenvolve pesquisa com Felipe Abrantes, Sara Soutto Mayor e Georgino de Souza Neto. Este último tem contribuído para a reflexão sobre a sociabilidade dos torcedores por meio da etnografia, mas também da história do futebol amador. Ambas as equipes, oriundas de áreas distintas, como literatura, educação física e lazer, têm organizado importantes eventos dedicados ao futebol, como o “Simpósio Internacional de Futebol, Línguas, Artes, Cultura e Lazer”. Também em Minas Gerais, na Universidade Federal de Viçosa (UFV), José Geraldo Salles, professor de Educação Física, estuda a relação entre o futebol amador e o profissional. Sua equipe mantém vínculo com Antônio Jorge Soares, do Rio de Janeiro, seu orientador de tese. O jovem pesquisador de história Raphael Rajão, membro do FULIA (UFMG), doutorou-se no Rio de Janeiro sob a orientação de Bernardo Buarque de Hollanda. Hoje, como professor do Instituto Federal do Ceará, Rafael realiza importantes pesquisas sobre futebol amador, principalmente na cidade de Belo Horizonte. No Nordeste brasileiro, os pesquisadores Bruno Abrahão e Francisco Caldas, professores de Educação Física da Universidade Federal da Bahia (UFBA), realizaram estudos sobre futebol no sertão. A tese de Bruno também foi orientada por Antônio Jorge Soares, do Rio de Janeiro.

Para concluir este breve panorama, mencionaremos outras equipes e pesquisas realizadas em estados do Sul do Brasil. No Rio Grande do Sul, a pesquisa também é diversificada e está organizada

em torno de três equipes. Em Porto Alegre, o curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) abriga um grupo liderado por Marco Stigger e Mauro Myskiw, que estuda, entre outras coisas, o financiamento de equipes de futebol de várzea presentes em circuitos de lazer. A professora Silvana Goellner, do mesmo centro, realiza importantes estudos sobre a memória e as narrativas de jogadoras, como parte do projeto “Igualdade de Condições em Campo”, referente ao futebol na América do Sul. Os estudos de Mauro e Arlei partem da ideia do circuito varzeano como um lugar de organização e gestão da comunidade, que não deve ser compreendido por noções como carência, precariedade ou marginalidade, mas sim por seus próprios significados. Mais ao sul, em Pelotas e em Rio Grande, pesquisadores da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) realizam estudos sobre o futebol “infame” e as memórias do futebol de fronteira, sob a coordenação de Luiz Carlos Rigo, inspirados em Michel Foucault — com o adjetivo “infame”, ele refere-se ao futebol que, apesar de ter muitos praticantes, goza de pouca visibilidade.

Em Santa Catarina, a equipe do NAVI/UFSC, coordenada pela antropóloga Carmen Rial, que também dirige o INCT Futebol, além de orientar inúmeros estudos e organizar importante simpósio que aborda temas que correlacionam futebol, migração, mídia e sociabilidade. Sua pesquisa analisa os movimentos de jogadores brasileiros para o exterior, capítulo que consta neste volume. Na mesma universidade, a equipe do NEPESC do Centro de Educação, liderada por Alexandre Vaz e por mim (Fábio Pinto), desenvolve pesquisas sobre o futebol, especialmente, no meu caso, sobre a sua periferia, refletindo

sobre projetos e campos de possibilidade, com base na antropologia urbana de Gilberto Velho (2003, 2006), entre outros. Um pouco mais ao norte, uma equipe do Departamento de Educação Física da Universidade de Ponta Grossa (UEPG), no Paraná, realiza uma etnografia sobre a cultura do futebol.

Entre outros pesquisadores não menos importantes presentes em outros estados brasileiros, podemos citar algumas das equipes identificadas graças à pesquisa sociométrica, ainda em andamento, de Rigo e Myskiw (2024). Esses estudos nos permitem formular inúmeras perguntas, fruto desse esforço coletivo e de uma rede em construção.

3. A PERIFERIA DO FUTEBOL: UMA NOÇÃO EM DEBATE

Estudar a periferia do futebol nos ajuda a melhor compreender e transformar a sociedade em que vivemos? O que nos ensina a periferia do futebol sobre aspectos políticos, econômicos e socioculturais, relações sociais, projetos e desejos em sociedades complexas e em constante transformação? É possível pensar em projetos de desenvolvimento humano na periferia do futebol?

Os estudos sobre a periferia do futebol nos mostram que se trata de relações históricas, socioculturais e econômicas e que refletiremos em termos de condições periféricas. Concordamos com Carmen Rial (2024) que, em seu prefácio ao livro *InterPeriferias do Futebol*, analisa a expressão várzea, amplamente utilizada no país, especialmente onde foi criada, em São Paulo, mostrando que ela não é mais representativa da diversidade de lugares onde o futebol é jogado, seja

em centros urbanos ou rurais, em escolas e fábricas, em praias ou em parques, entre outros. Além disso, a expressão pode ser associada a algo mal organizado, desordenado, o que gera desconforto entre seus praticantes. O termo “amador” também tende a carregar essa conotação pejorativa, embora, na realidade, se refira a campeonatos municipais com organização semelhante à dos profissionais, onde alguns jogadores podem receber rendimentos semelhantes ou até melhores do que os encontrados no circuito profissional, contribuindo assim para uma circulação de atletas entre o mundo amador e profissional. Há, portanto, um certo número de jogadores profissionais ou ex-profissionais que retornam ao futebol amador (Spaggiari 2024). É o caso, por exemplo, dos atletas Doriva, Eder Lima e Jailson, que atuaram no São Paulo e no Palmeiras e retornaram ao amadorismo, recebendo até R\$ 5 mil reais (cerca de 800 euros) por partida para participar do Enquadro, time que disputa o Campeonato Amador de Sorocaba. Esse campeonato mobiliza 200 clubes e organiza 800 partidas, gerando mais de R\$ 20 milhões reais (cerca de 3,1 milhões de euros) em receita.² Seu financiamento vem de diversas fontes, muitas delas informais, como a troca de favores, a ajuda de patrocinadores ou o trabalho de associados e de voluntários que passam pelas portas da associação. No entanto, a expressão “amador” talvez seja a mais utilizada na periferia do futebol, principal-

2 Emilio Botta, «Futebol de várzea vira fonte de renda para campeões da Libertadores: A madeira canta» [« Le football de ‘varzea’ devient une source de revenus pour les champions Libertadores: le bois chante »], Globo Esporte, 14 juin 2023. [En ligne].

mente pela sua dimensão histórica, descrita acima. O termo futebol comunitário também nos apresenta certas limitações, como analisa neste livro, em seu capítulo, nosso colega Igor Martinache em relação à realidade francesa, onde a noção de “comunidade” tem uma conotação negativa, partindo do pressuposto de que constitui uma barreira entre os indivíduos e a República. No Brasil, os *Community Studies* estão na origem da formação do campo das ciências sociais e têm suscitado um importante debate envolvendo importantes sociólogos como Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos (Oliveira e Maio 2011). A expressão “comunidade” tem sido alvo de alguma rejeição por parte de intelectuais, e não tem tido a mesma aceitação que as expressões «várzea» e «amador» entre praticantes e agentes do futebol, evidenciando as diferenças entre futebol e comunidade, como observamos na tese de Invernizzi (2018).

O livro *Futebol Popular*, coordenado por Ribeiro, Spaggiari e Almeida (2024), buscou traçar um panorama da produção sobre o tema e analisou uma parte dos estudos do campo. Os autores utilizam a categoria “futebol popular” na tentativa de abarcar a diversidade do futebol no Brasil, que, além de sua condição contra-hegemonica e do distanciamento do circuito de espetáculo, se caracteriza por sua forte penetração como prática entre as classes populares e subalternas – grupo social que compartilha valores culturais expressos em uma multiplicidade de manifestações também reconhecidas como “populares”. Contudo, a expressão também é pouco utilizada no mundo futebolístico e encontra uma forma de resistência intelectual, como aponta Rial (2024), referindo-se aos estudos de Bourdieu.

A concepção dualista entre cultura legítima e cultura popular é alvo de inúmeras controvérsias intelectuais, caracterizadas por práticas ambíguas e contraditórias, como já apontou Marilena Chauí (1986).

A noção de periferia ganhou ampla popularidade por meio do cinema e da música. Exemplos importantes incluem os filmes *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meireles, e *Linha de Passe* (2008), de Walter Salles e Daniela Thomas, bem como os álbuns *Raio X do Brasil* (1993) e *Sobreviver no Inferno* (1997), da banda Os Racionais MCs. Essas obras promovem o orgulho de pertencer à periferia, ao mesmo tempo em que denunciam a violência, o racismo e as desigualdades.

A noção também foi utilizada na antropologia urbana por José Magnani (1992, 2012, 2013) e articula categorias como o “pedaço”, a “mancha”, os “trajetos” e o “circuito” para pensar as relações entre a prática coletiva e os espaços em que ela se realiza. Magnani toma o espaço da cidade como objeto e integra o lugar em sua análise, buscando compreender trechos e unidades que não são dados de ante-mão, destacando-os contra um fundo muitas vezes impreciso, na paisagem urbana. Destacando a dialética centro-periferia, ele indaga se há um pedaço no centro, com ligações complexas e baseado em redes. A categoria “pedaço” emergiu da periferia, do bairro e da fruição de atividades de lazer, incluindo o futebol, que desperta formas de devoção, trocas esportivas e associativas, trocas de pequenos serviços, de favores, práticas coletivas e ritualizadas, presentes na periferia. A categoria “circuito” revela toda essa circulação de elementos que vão da periferia para o centro. A categoria “pedaço” permite descrever uma forma de sociabilidade baseada em uma relação

particular entre o espaço e os atores sociais implicados. As conexões entre seus respectivos domínios permitem considerar as diferentes escalas da cidade, os diferentes planos de análise e as interconexões entre as redes sociais. Trata-se de uma antropologia “de perto e de dentro para fora” como estratégia para abordar a diversidade das dinâmicas urbanas nas grandes metrópoles.

Em 2011, durante o seminário “Estética da Periferia”, José Magnani afirmou que, após o boom que a indústria do entretenimento deu à noção de periferia nos anos 1990, e uma subsequente tendência à relativização no meio sociológico, ela foi assumida pelos povos nativos em um sentido político: na periferia, produzem-se conhecimentos, bens materiais e culturais, entre outros. Mas é também lá que a maioria dos jovens, a maioria negros, é assassinada. Conectar, unir as quebradas e pacificar os territórios constituem uma tarefa única. Formou-se, assim, uma consciência periférica, com forte relação de pertencimento e luta social.

Os estudos inspirados em Milton Santos também analisam a realidade sociocultural por meio de suas dinâmicas territoriais, como algo que nos pertence e faz parte de nossa história. Entretanto, para Santos (1996), as noções de “centro” e de “periferia” devem ser revistas ou substituídas pelas de “espaço” e de “globalização”. De fato, a discussão sobre a noção de periferia é antiga e remonta aos debates econômicos da década de 1950, para designar as margens do capitalismo, um lugar de pobreza e de precariedade devido à sua distância do centro. No entanto, há nuances, e as relações centro-periferia não se reproduzem da mesma forma em todas as situações.

Há fortes variações na dinâmica de suas relações, inclusive entre diferentes centros e diferentes periferias, o que podemos chamar de “condições periféricas”. É nesse contexto que buscamos mobilizar as noções geopolíticas de “centro-periferia”, “fronteira” e “margem” para pensar o futebol (Rafestin 1992, 1993). Devemos refletir sobre certos estereótipos ou interpretações que limitam a reflexão e não refletem a complexidade dos conceitos, suas interações, suas escalas e suas temporalidades. Podemos encontrar clubes e federações, jogos e campeonatos entre profissionais, que podem não ser espetaculares e apresentar desempenhos inferiores aos de algumas ligas e times amadores que atuam na periferia do futebol. Há também casos de clubes que rapidamente passaram do *status* amador para o profissional, como o Água Santa de Diadema (localizado no ABCD, subúrbio de São Paulo), que se profissionalizou em 2011. Com apoio financeiro, torcedores apaixonados em uma cidade carente de lazer, uma equipe técnica e um certo entusiasmo, o time levou cinco anos para chegar à elite do futebol paulista. Em 2023, eliminou os clubes São Paulo e Bragantino, e chegou à final do campeonato paulista. Seus jogadores venceram o jogo de ida da final contra o Palmeiras, mas foram derrotados no jogo de volta e, assim, perderam o título³.

A relação entre o centro — o futebol de espetáculo — e sua periferia pode ser pensada como um espaço em que a posição de cada liga ou clube pode ser avaliada de acordo com o grau de conexão com os

3 Yan Resende e Chris Mussi, “Da várzea à elite em quatro anos: conheça o “meteórico” Água Santa”], *Globo Esporte*, 5 de maio de 2015 [Online].

demais e com o centro. Essas ligações podem apresentar maior ou menor grau de dominação ou subordinação, dependência ou autonomia. Nesse espaço, os centros têm maior luminosidade, ou seja, densidade econômica, técnica e profissional, com atividades apresentando maior grau de tecnologia e de organização do espetáculo, desenvolvimento de alto rendimento, visibilidade das marcas dos patrocinadores, mobilização e magnitude do público consumidor e produção da identidade clubística e associativa. Isso contrasta com a opacidade da periferia, com baixa densidade econômica e organizacional na realização de seus torneios e campeonatos, para mobilização, treinamento e preparação de seus jogadores; menor impacto sobre as associações e torcedores; ausência ou precariedade da infraestrutura de suas sedes e campos, enfim, uma gestão predominantemente amadora de clubes e de ligas.

As condições periféricas se estabelecem a partir de modos de jogar (intensidade, rendimento técnico, organização tática), mas também por meio de formas de sociabilidade que remetem à diversidade de jogadores e ao significado do jogo, à linguagem própria, à criatividade na mobilização de recursos, à flexibilidade, em relação às condições dos campos e da infraestrutura esportiva, adaptando-se às características locais. O par centro-periferia também nos permite pensar em termos de margens, ou seja, espaços pouco integrados, pouco ou não explorados pelo centro. A margem é parte da periferia. Isso nos permite distinguir a periferia marginalizada e a periferia integrada, ou mais precisamente identificar uma espécie de gradação da condição periférica, dentro de uma mesma dinâmica (centro e

periferia), o que envolve dimensionar o grau de conexão/integração com o centro. Há clubes que não participam de ligas e de campeonatos na periferia do futebol e organizam suas próprias partidas, mobilizando seus próprios recursos para ter o mínimo que lhes permita praticar futebol semanalmente.

A periferia do futebol transformou-se, ganhando complexidade, estabelecendo novas fronteiras (Scheibe 2018), como demonstramos anteriormente. Um bom exemplo é a Copa das Favelas, o maior torneio do gênero no mundo, organizado pela CUFA — Central Única das Favelas —, que teve sua primeira edição em 2012. Em 2022, a final, na Arena Barueri, foi transmitida pela televisão aberta. Em 2024, seus campeonatos feminino e masculino mobilizaram 800 mil jovens em todo o país. Podemos destacar também a pluralidade e a complexidade das formas como o futebol se organiza e resiste aos padrões impostos pelo futebol de alto nível como espetáculo. Formas inovadoras de jogar futebol, organizar eventos e formar times começam a se desenvolver em todo o país, em comunidades rurais, em reservas indígenas, em comunidades LGBTQIAPN+, em presídios entre detentos, nas ruas e praças para moradores de rua, em times formados por pessoas com deficiência, entre outros.

A noção de fronteira⁴ do futebol também nos permite refletir sobre as condições mínimas do que pode ser considerado futebol ou

4 Aqui, a fronteira do futebol se diferencia da expressão futebol de fronteira utilizada por Rigo (2004) para denominar o futebol praticado na fronteira entre Brasil e Uruguai. Em sua tese de doutorado, Rigo trata da periferia do futebol, seja ela amadora, de várzea, comunitária e até mesmo profissional.

os princípios fundamentais das “leis do jogo”, mesmo que admitam certo grau de modificação. Isso nos permite refletir sobre o que podemos considerar outros futebóis: Futebol de Rua, Futebol Sete ou Society, Futebol de Areia ou Praia, Futsal, Futevôlei, Futebol Paralímpico, Fut3, Pelada, Futebol de Mesa ou Botão, Rugby, Futebol Americano, Showbol, Bossaball e Futetênis são alguns exemplos, entre muitos outros, que se desenvolvem para além das fronteiras do futebol. No entanto, podem evoluir de forma autônoma e tornarem-se tão populares quanto o futebol — espetáculo de alto nível — com seus próprios centros e periferias.

Creio que esta aproximação entre a geografia social (Santos 1996) e antropologia pode nos permitir uma reflexão mais adequada e flexível sobre as múltiplas manifestações socioculturais do futebol em diferentes territórios e épocas, com o objetivo de não apenas compreender fenômenos em sociedades complexas (Velho 2003, 2006), como também procurar valorizar e promover as culturas e iniciativas periféricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção de periferia talvez seja a melhor forma de compreender o futebol em qualquer região, independentemente de quem o pratica (gênero, idade, classe social, renda), com relações com o centro, mais ou menos, integradas, às vezes marginais ou negligenciadas. Pesquisas e estudos sobre as repercussões das variações nas diferentes condições periféricas estão apenas começando. É importante enfatizar o poder mobilizador e transformador da periferia diante da concentração e da acumulação econômica que ocorrem no centro. Promover encon-

tros entre periferias catalisa esse poder. Não apenas para demonstrar e valorizar sua diversidade, mas também para colocar em prática redes de solidariedade, formação intercultural e ação coletiva.

Nosso desafio é conectar pesquisadores e grupos de pesquisa, também em rede. O INCT Futebol tem um papel fundamental para que pesquisadores se conheçam, discutam suas metodologias e compartilhem suas pesquisas. Alguns estudos já impactaram as periferias do futebol, como foi o caso do reconhecimento do futebol amador como patrimônio cultural imaterial, que aconteceu em 2017, durante eventos realizados em Belo Horizonte e São Paulo, promovidos pelo Museu do Futebol. Precisamos continuar avançando. Políticas e recursos públicos devem fomentar e sustentar essas iniciativas, que há muito tempo fazem parte das periferias, e não apenas do futebol.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. 1992. “Futebol de Fábrica em São Paulo”. Dissertação de Mestrado em Sociologia, USP.

BONFIM, Aira, Alberto Luiz dos Santos e Enrico Spaggiari. 2024. “Mas existem equipes de futebol de várzea femininas? O processo de mapeamento do futebol de mulheres em São Paulo”. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 9, p. 1.

BONFIM, Aira. 2019. “Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)”. Dissertação de

Mestrado em História, Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

CALDAS, Waldenir. 1990. *O Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: Ibrasa.

CHAUÍ, Marilena de Souza. 1986. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.

DAMATTA, Roberto (org.). 1982. *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque.

DAMO, Arlei. 2007. *Do Dom à Profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: HUCITEC.

DAMO, Arlei. 2018. “Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política”. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 37-66, set./dez.

FILHO, Mario. 1947. *O negro no foot-ball brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores.

HELAL, Ronaldo, Antonio Jorge Gonçalves Soares e Hugo Rodolfo Lovisoló. 2001. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad.

GUEDES, Simoni Lahud. 1977. “O Futebol brasileiro: instituição zero”. Dissertação de mestrado, Museu Nacional, Rio de Janeiro.

GUEDES, Simoni Lahud. 1982. “Subúrbio: celeiro de craques”. In: DAMATTA, Roberto (org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade*

brasileira. Rio de Janeiro: Edições Pinakothèque, p. 61.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. 2021. “Retrato da antropóloga quando jovem: Simoni Guedes – dos anos de formação a Subúrbio, celeiro de craques”. In *Revista Mana*, (27)1: 1-28.

INVERNIZZI, Lisandra. 2018. “Ser ‘daqui’ ou de ‘fora’: hierarquias, descontinuidades e trânsitos no futebol não profissional de Florianópolis”. Tese de Doutorado em Educação, Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

LOPES, José Sérgio Leite. 1994. “A vitória do futebol que incorporou a pelada”. In *Revista USP*. São Paulo.

MAGNANI, José Guilherme C. 1992. “Da periferia ao centro: pedaços e trajetos”. In *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, v. 35. p. 191-203.

MAGNANI, José Guilherme C. 2012. “Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana”. *Coleção Antropologia Hoje*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome.

MAGNANI, José Guilherme C. 2013. “Da periferia ao centro, cá e lá: seguindo trajetos, construindo circuitos”. *Anuário Antropológico*, Brasília, UnB, v. 38 n.2: 53-72.

MAZZONI, Thomas. 1950. *História do Futebol no Brasil 1894-1950*. São Paulo: Ed. Leia.

MYSKIW, Mauro. 2012. “Nas controvérsias da várzea: trajetórias e

retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre”. 415 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

OLIVEIRA, Nemuel da Silva e Marcos Chor Maio. 2011. “Estudos de Comunidade e ciências sociais no Brasil”. *Revista Sociedade e Estado*, Volume 26, Número 3, setembro/dezembro.

PINTO, Fábio Machado, Ricardo Lara e Alexandre Fernandez Vaz. 2024. *Interperiferias do Futebol: o que o futebol nos ensina sobre o viver na sociedade contemporânea?* Pelotas: Editora Ateliê da Casa.

RAFESTIN, Claude. 1992. Autor de la function sociale de la frontiere. *Espace et Societé*. N. 70/71. p. 157-194.

RAFESTIN, Claude. 1993. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática.

RIAL, Carmen. 2024. “Futebol comunitário, popular, espontâneo, de várzea, amador, menor? Limites e potencialidades das categorias que definem um futebol periférico”. In: PINTO, Fábio Machado, Ricardo Lara e Alexandre Fernandez Vaz. *Interperiferias do Futebol: o que o futebol nos ensina sobre o viver na sociedade contemporânea?* Pelotas: Editora Ateliê da Casa.

RIBEIRO, Raphael Rajão, Enrico Spaggiari e Caroline Soares de Almeida. (Org.). 2024. *Futebol Popular*. São Paulo: Ludopédio.

RIBEIRO, Raphael Rajão. 2021. “A várzea e a metrópole: futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-

1989)”. Tese de doutorado em História, Escola de Ciências Sociais. FGV CPDOC, Rio de Janeiro.

RIGO, Luiz Carlos. 2004. *Memórias de um Futebol de Fronteiras*. Pelotas: Editora Universitária UFPel.

ROCHA, Sofia Covello da e Carmen Rial. 2023. “INCT Estudos do futebol brasileiro: um olhar para a configuração de grupos de pesquisa sobre futebol de várzea e comunitário”. In: “Salão de Iniciação Científica”, n. 35, nov. 6-10: UFRGS, Porto Alegre, RS.

SANTOS, Milton. 1996. *A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.

SCHEIBE, Eduarda. 2018. “Toda a fronteira é periférica? Ensaio sobre a apresentação centro-periferia para estudos fronteiriços”. *Passages de Paris*. n. 16, 2018, p. 03-17.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. 1987. “Os meandros dos rios nos meandros do poder. Tietê e Pinheiros: valorização dos rios e das várzeas na cidade de São Paulo”. Tese de doutorado, USP.

SPAGGIARI, Enrico. 2016. *Família joga bola: jovens futebolistas na várzea paulistana*. São Paulo: Intermeios/Fapesp.

SPAGGIARI, Enrico. 2024. “Profissionalização da várzea? – Controvérsias e dinâmicas do rodar no futebol popular paulistano”. *Revista INTERthesis — Revista Internacional Interdisciplinar*, Florianópolis, v. 21, p. 01-22, jan./dez.

WITTER, José Sebastião. 1982. “A várzea não morreu” In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; In *Futebol e cultura: coletânea de estudos*. São Paulo: Imprensa Oficial/Arquivo do Estado.

VELHO, Gilberto. 2003. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

VELHO, Gilberto. 2006. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração* (4ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.